

## **A SOCIALIDADE NO FUTEBOL BRASILEIRO: ESTRUTURAÇÃO IDENTITÁRIA E PÓS-MODERNIDADE**

Fernando Rosseto Gallego Campos<sup>1</sup>  
Oliver Kawase Seitz<sup>2</sup>

### **RESUMO**

*Este artigo tem como objetivo discutir como se dão as estruturas identitárias no futebol brasileiro na pós-modernidade. Esta se caracteriza, sobretudo, pelo paradigma da socialidade, baseado em um ethos comunitário, na tribalização e no rompimento com as identidades estabilizantes da modernidade (MAFFESOLI, 2006). A redefinição das estruturas identitárias deslocam as territorialidades do futebol sobretudo para as escalas local e global, alterando sensivelmente as espacializações prática, discursiva e institucional (FOUCAULT, 1998).*

**Palavras-chave:** socialidade; estruturação identitária; pós-modernidade

### **INTRODUÇÃO**

Não há dúvidas que o futebol é um elemento fundamental da cultura e da sociedade brasileiras. No entanto, este complexo tema ainda tem uma discussão aquém de sua importância nas ciências sociais brasileiras, sobretudo quanto sua dimensão espacial, cultural e identitária. Ele transcende sua qualidade esportiva, criando relações sociais, estruturas identitárias, bem como um forte universo simbólico. Portanto, é possível dizer que o futebol constrói territorialidades, imersas em uma instância da espacialidade própria: o espaço de representação do futebol (CAMPOS, 2006).

Dentro da dimensão espacial<sup>3</sup> do futebol, uma das questões fundamentais é o da identidade ou, como aqui se propõe, estruturas identitárias. Processo inerente ao futebol, como em disputas entre torcidas, por exemplo, a territorialização – que, resumidamente, pode ser compreendida como o processo de apropriação de uma porção do espaço – é calcada essencialmente na questão da estruturação identitária. Assim, a discussão desta questão é fundamental para a compreensão da complexidade do futebol como fenômeno cultural, social e espacial. É este o objetivo do presente artigo.

Entretanto, a questão da estruturação identitária é extremamente complexa, sendo importante uma discussão teórica dela em relação ao que Maffesoli (2006) chama do novo paradigma da socialidade. Este está ligado com a pós-modernidade que, por sua vez, influencia sobremaneira o universo do futebol, por exemplo, através da redefinição das escalas – do fortalecimento das escalas local e global em detrimento da nacional. Este novo tempo-espaço põe em cheque a identidade moderna e fixa, bem como o discurso do futebol como elemento produtor de uma identidade nacional estável.

### **PÓS-MODERNIDADE E ESTRUTURAÇÃO IDENTITÁRIA**

Antes de qualquer reflexão teórica acerca da socialidade ou das estruturas identitárias, é necessário realizar algumas definições. Uma delas é acerca da pós-modernidade, processo cuja origem remete aos anos 1990. Parte-se do pressuposto de

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia – UFPR – Bolsista do REUNI; Mestre em Geografia – UFPR

<sup>2</sup> Doutorando em Indústria do Futebol – Liverpool University

<sup>3</sup> Parte-se uma leitura muito mais simbólica que material da espacialidade a partir, sobretudo, das formulações da dialética tripla da espacialidade de Lefebvre (1991).

que a pós-modernidade representa uma ruptura com a modernidade, inaugurando um novo tempo que se caracteriza pela crescente compressão tempo-espaço, pela multiterritorialização, pela globalização – das relações econômicas, políticas, sociais, culturais, ambientais, entre outras –, pelo declínio do individualismo e pela redefinição das estruturas identitárias (HAESBAERT, 2004; MAFFESOLI, 2006; HALL, 2005).

A crescente compressão tempo-espaço – possibilitada pelos avanços tecnológicos, sobretudo, nas comunicações – contribuiu para a intensificação do processo de multiterritorialização: constantes e múltiplas reterritorializações (precedidas por desterritorializações, seu par dialético). Sob o ponto de vista cultural, a desterritorialização está relacionada com “a desvinculação cultural de espaços-específicos e a mescla de identidades ou o hibridismo como norma cultural dominante” (HAESBAERT, 2004, p. 221). Desta maneira, o processo de multiterritorialização – típico da pós-modernidade – redefine as territorialidades destas estruturas identitárias, redefinindo sua escala de nacional à global e à local. Como observa Haesbaert (2004, p. 337-338):

Não se trata mais de priorizar o fortalecimento de um “mosaico”-padrão de unidades territoriais em área, vistas muitas vezes de maneira exclusivista entre si, como o caso dos Estados nacionais, mas seu convívio com a miríade de territórios-rede marcados pela descontinuidade e pela fragmentação que possibilita a passagem constante de um território a outro, num jogo que denominaremos aqui, muito mais do que desterritorialização ou declínio dos territórios, a sua “explosão” ou, em termos teoricamente mais elaborados, uma “multiterritorialidade”, pois como já afirmávamos em 1997, “na ‘pós’ ou ‘neo’ modernidade, um traço fundamental é a multiterritorialidade humana (...)” (Haesbaert, 1997: 42).

Esta multiplicidade e flexibilização territorial contrastam com a territorialidade rígida da modernidade, baseada, sobretudo, nos Estados nacionais. Desta forma, as estruturas identitárias também sofrem sensíveis modificações, tornando-se fragmentadas e deslocadas. Segundo Hall (2005), a identidade na pós-modernidade perde sua atribuição de fixar o sujeito à estrutura, de preencher a lacuna entre o “interior” e o “exterior”. O sujeito, assim, passa assumir uma diversidade de identidades em diferentes situações e momentos de sua vida.

O novo paradigma da pós-modernidade está relacionado com o processo de globalização, o fenômeno de reterritorialização de questões econômicas, políticas, sociais, culturais (e outras) do nível nacional ao global. Segundo Hall, este processo desencadeia três conseqüências às estruturas identitárias:

- As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.
- As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
- As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar (HALL, 2005, p. 69).

A pós-modernidade desloca, então, as estruturas identitárias do nível nacional ao global, mas também ao local. As identidades nacionais perdem seu caráter fixo e passam a ser interpretadas como “comunidades imaginadas”, como define

Anderson (2008). Segundo Hall: “Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades” (HALL, 2005, p. 50-51). É possível afirmar, então, que o processo de identificação é simbólico e pode ser realizado a partir de representações sociais: uma maneira específica de compreender e comunicar o que se sabe. Estas reproduzem o mundo de forma significativa, pois cada representação social é acompanhada de uma imagem e de uma significação simbólica. As representações sociais são a forma pela qual as pessoas compreendem a realidade, sendo sua finalidade “tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2003, p. 54).

## **FUTEBOL E SOCIALIDADE**

Dentro deste contexto de modificações promovidas pela condição pós-moderna, o futebol também redefine seu papel em relação às estruturas identitárias. Na modernidade ele foi fundamental para a construção e afirmação de identidades nacionais, como alega Giulianotti (2002). O autor propõe uma classificação histórica do futebol em três períodos: o tradicional, o moderno e o pós-moderno. O período tradicional, que se estende até o final da Primeira Guerra Mundial, se caracteriza pelo “estabelecimento das regras do jogo, sua difusão internacional e a formação de associações internacionais para administrar o esporte, sob a égide das elites dominantes” (GIULIANOTTI, 2002, p. 212). No período moderno, o futebol se consolida como o esporte nacional de vários países, através de sua difusão e de seu uso político pelos Estados, sobretudo a fim de produzir identidades nacionais e locais. O esporte ganha força no cenário internacional com a volta da disputa a cada quadriênio da Copa do Mundo, que estava paralisada em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Estas competições propiciam a criação de símbolos e mitos nacionais, produzidos através do discurso da mídia. No fim da modernidade, o futebol começa a ser encarado como um negócio rentável, principalmente na Europa. O período pós-moderno, que se inicia na década de 1990 e vai até os dias atuais, se caracteriza pela consolidação do futebol como um grande negócio global. Graças a políticas da Fifa, o esporte se expande por países onde era pouco praticado, como alguns países asiáticos, africanos, da Oceania e os Estados Unidos. “O futebol entra definitivamente na moda” (GIULIANOTTI, 2000, p. 215).

No Brasil, o futebol é apontado como um importante fator de identificação nacional, sobretudo, pois foi capaz de reunir sob a mesma égide a elite e o povo, os símbolos nacionais e os valores populares: “No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional: a bandeira, o hino e as cores nacionais, esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos” (DAMATTA, 2006, p. 165).

Além de apontar o futebol como um importante elemento identitário, Toledo (2000) o atribui um valor de manifestação cultural que caracteriza e diferencia o Brasil dos demais países, pois este revela o jeito brasileiro: a malícia, a alegria e a ginga. No entanto, não compactua da idéia de que o futebol, como símbolo nacional, produz igualdade ou reduz diferenças, sendo considerado por ele um *símbolo flutuante*:

O futebol pode ser pensado como um *símbolo flutuante* justamente porque não produz este consenso, ao menos não na sua totalidade, mas pode ser

vislumbrado como um fenômeno cultural no qual todos articulam, com uma boa dose de especulação, cientificismo, “magia” e emoção, suas teorias e doutrinas, e que, literalmente, investem nas suas falas e saberes determinados valores que, aí sim, talvez produzam identidades em alguns níveis (TOLEDO, 2002, p. 27).

Desta forma, é possível dizer que as estruturas identitárias criadas pelo futebol não são tão óbvias e nem se limitam à escala nacional, mas também global e local. Ele possui uma grande importância no Brasil, sendo um elemento construtor de relações sociais e espaciais. Sua complexidade é observada nas palavras de Toledo, pois o futebol além de ser um esporte, é uma manifestação cultural, que não pode ser apreendida apenas sob seu aspecto racional, mas também – e fundamentalmente – sob sua dimensão afetual, emotiva, dionisíaca e do orgasmo<sup>4</sup> (MAFFESOLI, 2005).

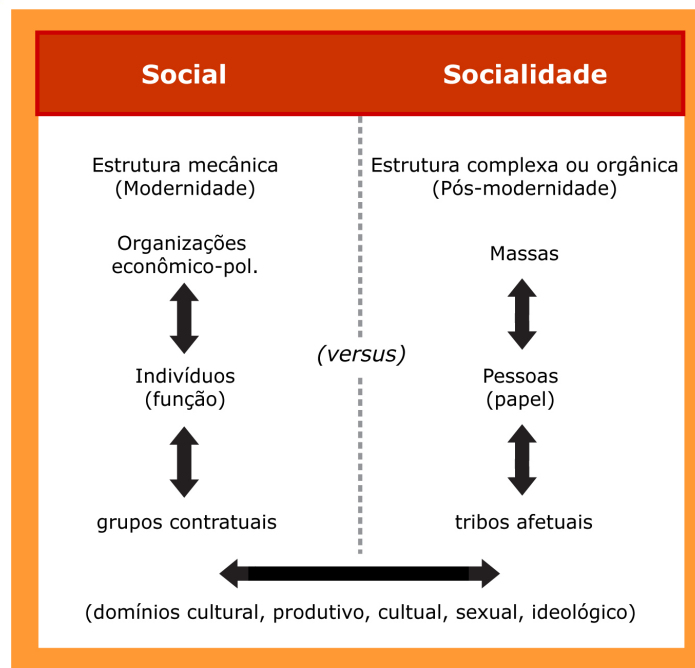
É necessário, portanto, uma teoria que dê conta de analisar esta dimensão emocional do futebol e de que maneira ele constrói estruturas identitárias no período da pós-modernidade. Maffesoli fornece as bases para tal. Este autor defende a idéia de que a pós-modernidade pode ser caracterizada pelo retorno exacerbado do arcaísmo – que vem acompanhado do tribalismo – e pela emergência da dimensão comunitária em contraponto ao indivíduo – um conceito saturado. O paradigma moderno do *social* – individualista, racional e baseado no poder das organizações econômico-políticas – é substituído pelo paradigma da *socialidade*, baseado em um *ethos* comunitário, na massificação e na constituição de tribos afetuais (MAFFESOLI, 2006) (FIGURA 01).

Com a derrocada da modernidade, o indivíduo é substituído por um *ethos* comunitário, por uma massa, uma “alma coletiva”, na qual as atitudes, as identidades e as individualidades se apagam. (...). Cada um participa deste ‘nós’ global” (MAFFESOLI, 2006, p. 118). A *função* é substituída pelo papel – ou pela multiplicidade de papéis – que cada pessoa (não mais indivíduo) representa dentro da massa. Assim, a identidade – fixa e estável – perde seu sentido. A lógica da socialidade é afetiva e a estruturação identitária se baseia em questões simbólicas. “O social repousa na associação racional de indivíduos que têm uma identidade precisa e uma existência autônoma; a socialidade, por sua vez, se fundamenta na ambigüidade básica da estruturação simbólica” (MAFFESOLI, 2006, p. 163).

#### FIGURA 01 – SOCIALIDADE VERSUS SOCIAL

---

<sup>4</sup> Maffesoli utiliza a figura trágica de Dionísio para simbolizar o novo paradigma da emergência de comunidades afetuais em detrimento ao individualismo. O hedonismo de dionisíaco está ligado aos rituais, paixões e emoções coletivas, bem como o gozo. O orgasmo se insere dentro deste contexto: “em oposição a uma moral do ‘dever-ser’, ele [o orgasmo] remete a um *imoralismo-ético* que consolida o laço simbólico de toda sociedade” (MAFFESOLI, 2005, p. 11).



Fonte: Adaptado de MAFFESOLI, 2006.

É possível dizer, então, que estruturação simbólica é realizada através de representações sociais. Estas estão presentes em todas manifestações da cultura na sociedade: “todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações” (MOSCOVICI, 2003, p. 40). Capazes de influenciar comportamentos, são criadas internamente, não por um indivíduo isolado, mas dentro de um contexto social. Uma vez criadas, ganham vida própria, circulam, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto as antigas morrem.

Na socialidade, as relações não mais se dão verticalmente, através do poder, mas sim horizontalmente, pela potência, uma força que move as comunidades afetivas. A circulação de representações sociais ocorre através de uma *centralidade subterrânea*, ou seja, a maneira pela qual as comunidades afetivas se estruturam, se consolidam e se solidificam em um conjunto autônomo e de dinâmica específica (MAFFESOLI, 2006).

O futebol pode ser visto como um elemento importante da socialidade, pois tem a capacidade de criar comunidades afetivas, de aglutinar massas e clivá-las em tribos. O entendimento de sua complexa dinâmica, neste contexto, passa pela compreensão da centralidade subterrânea destas comunidades futebolísticas, pelas novas estruturações identitárias – que o tribalismo sugere – e pela espacialização do futebol na socialidade brasileira.

Para realização uma espacialização do futebol, se parte da interpretação da espacialização da doença que Foucault propõe em *O Nascimento da Clínica* (1998). O autor fala em três diferentes formas de espacialização: a da classificação das doenças (nosologia); a da prática da investigação das patologias; e a das instituições médicas. É possível conceber estas três formas de espacialização, respectivamente, como: discursiva, prática e institucional. Desta forma, para compreender a socialidade no futebol brasileiro é preciso caracterizar estas três dimensões da espacialização do futebol, bem como entender de que maneira elas se inter-relacionam.

Em períodos de Copa do Mundo, fica clara a espacialização discursiva em relação ao estabelecimento de uma identidade nacional através do futebol. O discurso da reafirmação da divisão entre Estados-nacionais (POLI, 2006) procura reforçar a territorialidade típica da modernidade. Entretanto, Boniface (2006) defende a idéia de que as identidades nacionais, em época de Copa do Mundo, se limitam apenas ao campo discursivo, sendo que, na prática, o que ocorre é um reforçamento do caráter global do futebol, celebrando uma cultura mundial. Assim, forma uma gigantesca comunidade afetiva dividida em tribos – as torcidas por uma ou outra equipe (país). A partir desta perspectiva, a socialidade ocorre de maneira a celebrar uma alteridade (baseada na potência) e uma oportunidade de comunhão passional, um orgasmo:

Uma outra chave ou “caráter essencial” do neotribalismo pós-moderno é a dimensão comunitária da socialidade. É importante insistir nisso, tanto é freqüente ler, e escutar, que o indivíduo e o individualismo seriam a marca essencial de nosso tempo. Trata-se aí, ainda, de um indício de defasagem da *intelligentsia* em relação à realidade. No caso, ela somente projeta seus próprios valores no conjunto social. Basta ver a importância da moda, do instinto de imitação, das pulsões gregárias de todos os tipos, das múltiplas histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, esportivos, religiosos, dos quais tenho freqüentemente falado, para se convencer do contrário (MAFFESOLI, 2006, p. 11-12).

A espacialização institucional também pode ser observada nestes casos, como nas próprias seleções que disputam a Copa do Mundo, bem como nas instituições políticas ou na mídia, que reforçam o discurso nacionalista. A espacialização institucional precede o nascimento das pessoas e permanecerá depois de sua morte (BERGER; LUCKMANN, 1999). Isto cria as tradições que são extremamente valorizadas no universo futebolístico. Entretanto, novas tradições são construídas e antigas postas à prova, diariamente, através de representações sociais. Isto quer dizer que, o universo simbólico construído em relação e por uma instituição são apropriados cotidianamente e tanto produzem como são produtos das relações de estruturas identitárias. Assim, por exemplo, as conquistas recentes de um clube podem contribuir com o aumento do número de torcedores, inclusive daqueles que freqüentam os estádios. Esta aparente relação de causa e efeito é facilmente contestada com exemplos de clubes que em momentos de crise reúnem mais torcedores em campo, como o caso dos grandes clubes brasileiros que apresentaram este fenômeno na Série B, como Corinthians, Grêmio, Palmeiras, Botafogo, Atlético Mineiro e Coritiba. Assim, é possível observar que os torcedores mantêm relações mais estreitas com seus clubes não apenas em momentos de vitórias, mas em situações que provocam grandes comoções, grandes cargas afetivas. Estes momentos demonstram como o trágico é elemento fundamental para dimensão institucional do futebol, que não pode ser apreendida pela racionalidade.

Na pós-modernidade, o tribalismo influencia a organização das instituições, como ressaltava Maffesoli (2006, p. 14): “O processo tribal tem contaminado o conjunto das instituições sociais” (MAFFESOLI, 2006, p. 14). Esta “contaminação” se dá através da centralidade subterrânea e da *proxemia* – que possui forte dimensão espacial. A *proxemia* é o caráter relacional do homem, não somente com os seus semelhantes, mas também com o território. A espacialização prática é fundamentalmente proxêmica. No entanto, isto não significa que se limite ao local, escala mais óbvia da prática social do futebol – que compreende todas as relações promovidas pelo futebol, como torcer,

jogar, comentar, etc. A pós-modernidade possibilitou o deslocamento da proximidade à escala global, como pode ser observado no grande espaço midiático dado aos campeonatos europeus. Isto se reflete de maneira significativa na criação de comunidades de torcedores de clubes europeus (como Manchester, Barcelona, Real Madri ou Milan) e que se interessam mais pelo futebol de “lá” do que “daqui”, o que demonstra a construção de novas territorialidades. Estas reterritorializações de base fundamentalmente de estruturação identitária se fundem com territorialidades tradicionais, como a dos torcedores paulistas que torcerem pelos clubes de São Paulo, por exemplo. A partir disto, há a construção de multiterritorialidades da prática futebolística, na qual se fundem e se confundem as escalas local, nacional e global.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A socialidade, sensivelmente, redefine os processos de estruturação identitária nos mais diversos campos da vida em sociedade. O futebol não fica à margem deste processo. Pelo contrário, ele é um elemento central da celebração do orgiasmo, da criação de tribos e do trágico (MAFFESOLI, 2006). Desta forma, estudos acerca deste tema não são apenas importantes, mas necessários. A, em outros tempos, estável identidade nacional perde espaço para estruturações identitárias de caráter híbrido e que estão ligadas muito mais às escalas local e global. Assim, uma discussão espacial do futebol passa a ser de extrema importância não apenas sob o aspecto material, mas, sobretudo, considerando a dimensão simbólica do universo futebolístico, como se propõe com o conceito de espaço de representação do futebol (CAMPOS, 2006).

As territorializações, promovidas a partir da apropriação dos elementos simbólicos do universo futebolístico, precisam ser encaradas como um processo cotidiano, mas não por isso menos complexo. As multiterritorialidades que espaço de representação do futebol compreende são construídas a partir de representações sociais e têm caráter mutável. As construções de territorialidades não podem ser apreendidas apenas através da racionalidade, mas, sobretudo, pela dimensão afetiva ou afetual. Esta dimensão afetiva reforça o caráter local do tribalismo, mas não refuta a sua globalidade – que se dá através das massas. Assim, o desafio de compreender de que forma o futebol participa da socialidade brasileira passa pelo entendimento das relações afetuais, da centralidade subterrânea, da proximidade e de suas espacializações. Além disso, as estruturas identitárias gestadas pelo futebol devem ser apreendidas sob diferentes escalas: global, nacional e local.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1999.

BONIFACE, P. **El fútbol, fenómeno global por excelencia**. In: **Vanguardia dossier**: el poder del fútbol. Barcelona: Vanguardia Ediciones, jul.-set., 2006.

CAMPOS, F. R. G. **A construção do espaço de representação do futebol em Curitiba-PR**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná.

DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.

MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. São Paulo: Zouk, 2005.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

POLI, R. **Identidades nacionales y globalización**. In: **Vanguardia dossier**: el poder del fútbol. Barcelona: Vanguardia Ediciones, jul.-set., 2006.

TOLEDO, L. H. de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.